

MISSÃO SALESIANA DE MATO GROSSO

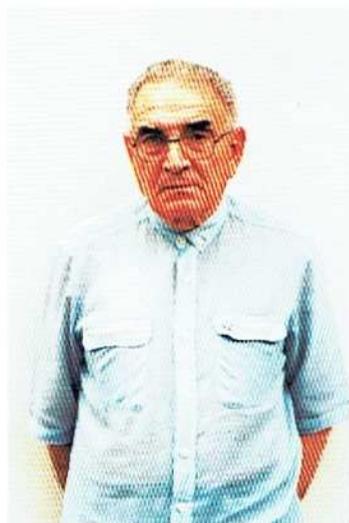
Rua Barão do Rio Branco, 1811
Campo Grande-MS – Brasil

Pe. Mario Pellattiero

Salesiano de Dom Bosco

☆ 02.04.1914

† 09.07.2006



Depois de vários anos de trabalho como vigário paroquial na capela da Coopatrabalho, na paróquia de Nossa Senhora Auxiliadora de Campo Grande, aos 92 anos de idade encerrou uma vida marcada pela intensidade e pela paixão com que se dedicava ao trabalho. A grande dificuldade para se locomover, para ler e o enfraquecimento da voz, nos últimos meses, não o impedia de atender seus queridíssimos paroquianos e pós-noviços e nem de fazer sua rápida excursão até sua "fazendinha" onde passava horas e horas a trabalhar e a contemplar as árvores frutíferas carregadas de frutos, em flor ou os canteiros onde suas mudas cresciam; além disso, não deixava de atender os "porquinhos" que engordavam no pequeno chiqueiro. Encerrou a vida no fim de suas energias, manteve-se na luta diária até que o seu debilitado e diminuto corpo, que encolhera bem com seu envelhecer diário, não mais permitia mobilidade e nem as energias vitais existiam para sustentá-lo em vida. Foi diminuindo

suas atividades até descansar em paz e ir ao encontro de Deus, de todos os estimados parentes e salesianos, mas principalmente deve ter sido acolhido por sua estimada mãe, Maria Auxiliadora.

Seu falecimento ocorreu devido a uma queda que lhe fraturou algumas vértebras. Essas fraturas das vértebras colocaram-no em uma situação difícil, pois poderia atingir a medula espinhal. Imobilizado desde a entrada no hospital do Pênfigo, passou pela cirurgia de recomposição dos ossos do pescoço. Devido à imobilização por longo tempo teve uma pneumonia e como sua capacidade de recuperação já estava muito debilitada, seu organismo não resistiu a essa pneumonia, vindo a falecer no dia

Muitos compareceram ao seu velório e todos lhe engrandeciam a dedicação, o carinho e sempre a palavra amiga que a todos orientava para seguir o caminho da graça, o caminho de Deus.

Pesar pela perda e alegria pela certeza de que ele foi imediatamente acolhido na casa do Pai, era a certeza da fé de que ele foi sempre o filho de Dom Bosco, o salesiano exemplar e dedicado que se dirigia para a morada definitiva. Que Deus seja louvado e a congregação engrandecida pela vida e pelo trabalho desse nosso irmão que se trasladou definitivamente para o Jardim Salesiano.

1 A FAMÍLIA DO PE. MÁRIO PELLATTIERO E SUA VOCAÇÃO MISSIONÁRIA

Em Olmo, província de Vicenza, norte da Itália, no dia 02 de abril de 1914 nasceu o sexto filho do casal Luigi Pellattiero e Maria Bagante; esse sexto filho foi batizado no dia 19 de agosto de 1914 e recebeu o nome de Mário. Depois de nove anos, já órfão de pai e mãe, foi crismado no dia 27 de maio de 1923.

Conviveu muito pouco com sua querida mãe, pois ao dar a luz a outro irmão, faleceu; Pe. Mário tinha nesse tempo apenas

dois anos de idade. Também conviveu muito pouco com o pai, este veio a falecer seis anos depois, quando o garoto Mário tinha oito anos de idade. A família já sentida pela falta da mãe, teve que se reestruturar para sobreviver e o irmão mais velho assumiu a responsabilidade de conduzir a todos como família: trabalho e trabalho para sobreviver. Nesse tempo esse era o único meio de sobreviver, tirando o sustento da terra e para isso era necessário muito trabalho.

Para o Pe. Mário, o irmão mais velho representou o ponto de ligação entre todos os sete irmãos. Este assumira a liderança e sua dedicação salvou a todos. Pe. Mário sempre conservou uma boa lembrança desse irmão a quem se mostrou sempre grato. Faleceu em 2005 aos 102 anos de idade.

Sua infância transcorreu entre o trabalho na lavoura e os estudos; esse tempo mostrou ao infante Mário a necessidade de se trabalhar para sobreviver. Foram anos de muita dedicação e de um aprendizado forte na valorização do trabalho, o que será uma constante em sua vida.

Desde cedo freqüentava a igreja e se engajara nos movimentos de jovens; nesse tempo nascera com vigor inesperado o movimento da Ação Católica em contraposição aos movimentos laicais e ateísticos. A Ação Católica ou os grupos de estudo e ação apostólica tiveram em alguns filósofos franceses, em sacerdotes empenhados no estudo da filosofia e teologia, o apoio teórico necessário para estimular os jovens e pensadores a se engajarem nessa batalha tendo pela frente a expansão de pensadores contra a igreja.

Aos poucos foi percebendo que poderia se entregar ao trabalho em prol dos jovens e foi conhecer os salesianos. Ao demonstrar interesse de se tornar salesiano, foi encaminhado para o recém-inaugurado aspirantado de Bagnolo, sob a égide dos novos mártires missionários da China, do Oriente, Monsenhor Luís Versiglia e Pe. Calixto Caravário.

Assim em 1933, aos 19 anos, bastante consciente do que desejava, iniciou a sua primeira etapa de formação. Em Bagnolo fez os estudos regulares até terminar o antigo ginásio em 1937,

com então 23 anos. Deseja seguir a vocação missionária tão bem apresentada pelos escritos dos missionários presentes em muitos países da América e do Oriente no Boletim Salesiano; a vida missionária também era incentivada para as vocações adultas como foi a do Pe. Mário. Para isso havia a constante presença dos superiores que relatavam os trabalhos dos missionários e a necessidade de muitos salesianos em tantas partes do mundo onde ainda existiam povos que não conheciam a igreja, o evangelho e não conheciam o caminho da salvação eterna. Essa temática também era ilustrada pela passagem de missionários que retornavam para visitar os parentes e descreviam o trabalho que realizavam entre povos de outras culturas e de outras línguas. Essa era a maneira de incentivar e alimentar o entusiasmo missionário dos salesianos inaugurados com a primeira expedição missionária para evangelizar os indígenas da Argentina e que partira de Gênova em 1875 com as bênçãos e a presença do próprio Dom Bosco.

Movido por essa grande expectativa e pelo ardor apostólico missionário, em setembro de 1937 parte para o Brasil, onde o Pe. Ernesto Carletti já recebera, anteriormente, outros ex-alunos de Bagnolo para iniciar o noviciado em Cuiabá e serem missionários entre os indígenas, em especial entre os Bororo.

2 SEUS ESTUDOS E SEU MINISTÉRIO DE SALESIANO SACERDOTE

Ao chegar ao Brasil, mais precisamente a Cuiabá, vai ter pela frente duas novas tarefas: aprender a língua e iniciar o noviciado. No dia 31 de janeiro de 1938 iniciou o noviciado. A sua turma foi a quarta turma de noviços missionários nesse período de governo do Pe. Ernesto Carletti. Para aprender bem a língua, contavam todos com a maestria e dedicação, com a elegância e sabedoria do arcebispo Dom Francisco de Aquino Corrêa. Tanto assim, que todos os missionários que fizeram o noviciado em Cuiabá, no Seminário da Conceição como o Pe. Mário, todos aprenderam muito bem o português. Aprenderam a falar corretamente, sem sotaque, e da mesma forma aprenderam a redigir com correção e boa forma no emprego das palavras.

Seus três outros colegas, também beneméritos salesianos que auxiliaram a construir a história gloriosa da inspetoria, foram os clérigos Walter Bocchi, já falecido, Sílvio Sartori, ainda trabalhando em Três Lagoas e João Pancot que ainda vive mas está acamado e não pode mais se locomover. Como sempre o Pe. Mário Blandino foi o mestre e assistente o enérgico milanês clérigo Heitor Castoldi. Para completar a comunidade o Pe. Luís Sutura, salesiano exemplaríssimo e pároco muito dedicado da catedral, era o confessor. Fazia parte também da comunidade outro salesiano muito santo e de respeitosa memória na cidade de Cuiabá, o Me. Francisco Arese, a quem Deus e Nossa Senhora poderia nos conceder a graça de sua beatificação, pois sua vida exemplar a todos sempre edificou, aos salesianos, aos leigos, aos cuiabanos em geral.

Ao final do noviciado, transcorrido na maior calma e normalidade, todos professaram no dia 31 de janeiro de 1939.

Estudou filosofia nos dois anos seguintes, 1939 e 1940. Continuavam, os estudantes de filosofia, a residir no mesmo casarão do Seminário da Conceição, sob as bênçãos dos excelentes salesianos que lá residiam. Dessa forma foi tomando conhecimento do povo, da cultura e dos costumes cuiabanos, sem deixar completamente de lado as tradições da saudosa Itália. Já sabia de antemão a vida sacrificada que teria pela frente. Nada o desanimou, ao contrário, sempre se manifestou entusiasmado pela vida aqui no Brasil, em especial pelo trabalho salesiano na inspetoria.

A etapa seguinte da formação, o Tirocínio ou a Assistência, realizou em três casas. Essas casas tinham principalmente como ponto mais importante de atividade a escola e o internato. Assim passou os anos de 1941 e 1942 como assistente dos internos e professor no Colégio Dom Bosco de Campo Grande-MS. Em 1943 trabalhou no internato de Silvânia, o mais importante da época na inspetoria e em 1944, no recém-fundado colégio Ateneu Dom Bosco na novíssima cidade, a nova capital do estado de Goiás,

Goiânia. Foram quatro anos de intenso trabalho prático de animação da vida dos internos e de professor dedicado. Nesses colégios, durante o tirocínio foi professor de matemática, história, geografia e de francês. As duas atividades, assistência e dar aulas, eram os empenhos mais exigentes perante a comunidade pedagógica e educativa; a maior parte dos professores eram todos salesianos e a disciplina no internato era uma questão de honra para o bom assistente. Devem ter sido quatro anos de vida salesiana intensa pelo volume de trabalho e de muita alegria pelas inúmeras atividades que ocorriam no decorrer do ano no colégio: semana santa, mês de maio, mês do Sagrado Coração, mês das vocações, mês da pátria, mês das missões e muitos teatros e desfiles compunham o conjunto de atividades dos salesianos e alunos. Além disso, diariamente tinham que verificar se os internos tinham estudado as lições e feito todas as tarefas, ao passo que nos recreios deveriam acontecer os jogos variados e os diversos campeonatos. Um mundo cheio de atividades que absorvia a vida de todos e se transformava em manifestações de alegria e de profunda expressão educativa salesiana na convivência diária no trabalho e na vida de piedade.

Ao final de seu tempo de tirocínio, no dia 02 de fevereiro de 1945, antes de ir para São Paulo, fez a sua profissão perpétua na comunidade de Goiânia. Em seguida, Pe. Mário foi para o estudantado de teologia em São Paulo, no Alto da Lapa para os quatro anos de estudos teológicos e para a recepção dos ministérios, do subdiaconato (que existia na época), diaconato e presbiterado.

Como de costume nas férias, os estudantes de teologia voltavam para a inspetoria para auxiliar nas atividades de férias e para não perder o elo da própria terra. Assim os estudantes de teologia auxiliavam nas casas de formação e nos colégios ajudavam os salesianos a preparar os alunos para o exame de admissão ao ginásio. Era um estudo muito exigente, uma espécie de vestibular para ingressar no ginásio. As séries que precediam o exame de admissão ao ginásio não eram regulamentadas, normalmente eram quatro. Porém se jovens mais de idade

quisessem saltar alguma dessas séries tinham que ser aprovados no exame de admissão. Era uma atividade importante para o bom êxito da primeira série ginasial tanto dos internos como dos externos. Vinham alunos de outras cidades e permaneciam nos colégios durante as semanas de preparação ao exame de admissão. Para o acompanhamento desses alunos a presença dos estudantes de teologia era importante. Além disso, havia as atividades dos diversos oratórios e preparação para o Natal. Nos retiros dos salesianos e principalmente a convivência com os outros salesianos sempre se mostrou muito importante para a unidade e conhecimento recíprocos. Afinal eram integrados muito bem na vida da inspetoria e se sentiam bem aqui.

Ao final dos quatro anos de estudos teológicos e sendo admitido ao presbiterado, foi ordenado sacerdote no dia 08 de dezembro de 1948, em São Paulo. Após a ordenação, a festa da primeira missa, também em São Paulo, coroou o tempo de estudo para iniciar uma longa trajetória de intensa atividade em várias casas da inspetoria onde exerceu vários cargos sempre com a mesma disponibilidade e dedicação.

3 A LONGA TRAJETÓRIA PELAS CASAS EM QUE TRABALHOU, PRINCIPALMENTE COMO DIRETOR

Depois da ordenação sacerdotal, ao retornar para a inspetoria, recebeu sua primeira obediência para ser catequista no colégio Dom Bosco de Campo Grande. Nesse trabalho permaneceu durante o ano de 1949. Em 1950 foi designado também como catequista para o colégio de Lins. Foram os dois primeiros anos de trabalho como sacerdote nos colégios salesianos; o inspetor vendo a sua capacidade de liderança e considerando já sua idade e preparo, vai nomeá-lo como diretor de colégio em 1951 e mais ainda, como pessoa importante para iniciar as atividades de colégio Dom Luís Lasagna que havia sido construído no ano anterior pelo Pe. Pedro Cometti e que ainda não iniciara as atividades com os alunos. Para iniciar as atividades escolares,

o inspetor, Pe. Guido, nomeou então o Pe. Mário como diretor. Para auxiliá-lo o inspetor designou o então estudante de teologia Mario Panziera que assim testemunhou as ações desse início: "Eu, naquele ano, era estudante de teologia e estive presente à fundação do colégio. Fui nomeado conselheiro ou coordenador dos estudos e encarregado da disciplina do colégio. Estavam sendo feitos os exames de admissão ao ginásio, quando foram embargados pelo Ministério da Educação porque o Ginásio ainda não tinha aprovação desse ministério. Pe. Mário Pellattiero foi às pressas ao Rio de Janeiro – então capital do país – foi falar com a Sra. Da Yolanda, a plenipotenciária da Educação no segundo governo de Getúlio Vargas; depois de algum tempo, retornou com a aprovação do Ginásio" (assim era a têmpera do Pe. Mário enquanto padre jovem!).

Continua o Pe. Mário Panziera: "quero salientar que naquele ano, tudo era precário e tudo tinha ainda que ser organizado – quadro de professores. Nós salesianos, tínhamos praticamente de dar conta de tudo e ele, o Pe. Mário Pellatiero, em certas horas de necessidade, foi até cozinheiro."

Depois desse início difícil, o colégio ganhou ritmo e desenvolveu-se bem, a ponto de mais tarde serem insuficientes as partes construídas pelo Pe. Cometti e então Pe. Mário iniciou o projeto do prédio do colégio Dom Luis Lasagna em paralelo à Avenida Cussy de Almeida, com a imponência que existe hoje em seus vários andares e muitas salas de aula. Permaneceu em Araçatuba por seis anos e depois de ter iniciado essa obra grandiosa, foi transferido para o Colégio São Gonçalo de Cuiabá.

Permanece aí por cinco anos. Nesse tempo o Colégio São Gonçalo dispunha de internos estudantes, internos aprendizes e externos estudantes. Além do Ginásio bem organizado, constituíam parte importante da obra os diversos cursos profissionalizantes cujos estudantes eram denominados de aprendizes. Estes eram internos ou externos e não pagavam pensão ou estudo, os que podiam contribuir um pouquinho. Era uma escola séria e

de autêntica promoção social. Geralmente os aprendizes eram filhos de famílias sem recursos e eram aceitos para estudar uma profissão. Entre os cursos que formavam profissionais na área, existiram na época: sapataria, carpintaria, alfaiataria, tipografia e encadernação. Os professores em geral eram salesianos coadjuvantes denominados "Mestres" por serem professores das diversas profissões. Os mestres se tornaram muito célebres nesse tempo no Colégio São Gonçalo. A comunidade era numerosa e os mestres variavam entre dez ou doze. Eram a maioria e davam a tonalidade na comunidade. Quem liderava e conduzia todas as atividades era o diretor. Coube muito bem esse papel ao Pe. Mário Pellattiero, que com simplicidade e ao mesmo tempo com firmeza conduzia a casa para que alcançasse com entusiasmo e com alegria os ideais educativos de Dom Bosco. Deve-se notar também que os mestres nesse tempo cuidavam do oratório dominical, dirigido pelo Pe. Ricardo Remeter, com um contingente muito numeroso de jovens e crianças. Havia muita atividade e não podia faltar a projeção de uma fita de cinema. Quem cuidava sempre dessa parte era o mestre Roque. Quantos profissionais não se formaram nas escolas profissionais do São Gonçalo ao lado de um estudo sério do Ginásio e científico?

Nessa época sobressai uma das mais sensíveis características do Pe. Mário Pellattiero, a sua devoção a Nossa Senhora Auxiliadora. Pe. Luís Leal, que foi aluno do São Gonçalo nessa época, testemunha que a festa de Nossa Senhora era verdadeira apoteose. Existia a construção inacabada do Santuário a Nossa Senhora, cujos fundamentos foram edificados pelos índios Bororo, numa alusão à proteção de Nossa Senhora aos salesianos e aos indígenas. Faltava a torre e a entrada. Nessa época o coração ardoroso do Pe. Mário impeliu a todos para um entusiasmo comum para terminar o Santuário. Foi levantada a torre e enfeitada a entrada com o atual jardim. Segundo o Pe. Mário Panziera, o Me. Roque contou os tijolos empregados na construção da torre: 111.000 tijolos convencionais. Uma

imponente torre que confere singeleza e carinho para com Nossa Senhora Auxiliadora, a mãe carinhosa de todos e do povo cuiabano. Esse gesto e essa iniciativa mostraram a qualidade da devoção mariana do Pe. Mário.

Ao final de cinco anos, em janeiro de 1962, foi nomeado diretor do Colégio Dom Bosco de Campo Grande.

Para essa nova obediência o Pe. Mário não se julgava à altura de desenvolver um bom trabalho e relutou ante os desejos do inspetor, depois obedeceu como bom religioso. Pe. Mário Panziera assim testemunhou essa luta para não aceitar a nova designação: "Ante a nova obediência o Pe. Mário encontrou muita dificuldade em obedecer. Ele queria terminar o sexênio de seu tempo de diretor em Cuiabá, pois não julgava ter qualidades suficientes frente a uma equipe altamente qualificada que se encontrava no Colégio Dom Bosco, com o Pe. Félix Zavattaro, Pe. Ângelo J. Venturelli, Pe. Heitor Castoldi e outros que compunham a comunidade do colégio. Avisou ao inspetor de suas dificuldades e disse que somente iria para o Colégio Dom Bosco se fosse em força de uma ordem formal em nome do voto de obediência. O Pe. João Greiner, o inspetor, enviou-lhe uma ordem formal para que fosse o diretor do Colégio Dom Bosco de Campo Grande, em força do voto de obediência. Pe. Mário, como religioso obediente, não teve como não ir e aceitar o cargo que o inspetor lhe ordenara assumir. (Continua o Pe. Mário Panziera:) Pe. Marinho, sábio e humilde, se deu muito bem com todos. Nesse período abriu-se a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Dom Francisco de Aquino Corrêa. Esta faculdade foi o primeiro passo para a futura FUCMT e UCDB. Encerrou seu tempo de diretor no Colégio Dom Bosco no final do ano de 1964.

No ano seguinte, 1965, é transferido para a cidade de Araçatuba, para ser o diretor por três anos. Sendo que o prédio novo tinha sido por ele projetado e não estando concluído, fez de tudo para terminá-lo no que faltava, principalmente no último pavimento, pois o Pe. Pedro Ferreira já o havia recoberto por fora com a famosa "gressite amarela" que perdura até os dias

de hoje. Essa cobertura externa tão bem foi acolhida por todos que a mesma equipe, mais tarde, veio colocá-la como revestimento do prédio da Rua 14 de julho do Colégio Dom Bosco de Campo Grande.

Depois desses três anos de Araçatuba, retorna como diretor para o Colégio São Gonçalo onde permanece até 1973. Esse período de tempo marcado por terríveis manifestações da juventude na França, período de tremenda ditadura no país, mas de sucessivas ondas de desejo de reformas e de transformações em todos os setores da sociedade. Na maior parte dos colégios salesianos a matriz dos internatos estava no fim, de modo especial nos colégios da paulista, os cursos profissionalizantes haviam perdido um pouco de sua importância diante de tantas novidades e de novas tecnologias. Surgia no ensino um roldão de teorias que a tudo e a todos contaminava como um rodópio de desejos de reformas de mudanças ainda não esboçadas. As conseqüências estavam chegando também no setor dos colégios. Uma primeira atitude foi fazer com que os aprendizes também estudassem as mesmas matérias que os estudantes. Seria o momento de encerrar o internato? Houve salesianos que vislumbraram o crescimento do externato. Esse sentido de fortalecer o externato deu nova forma ao colégio e novas modalidades pedagógicas no agir costumeiro dos salesianos. O São Gonçalo iria em breve encerrar o internato, encerrar as escolas profissionais e se firmar com qualidade como uma escola normal para externos. Houve muitas modificações. Essas mudanças que deslocaram as matrizes pedagógicas do internato para outras atitudes pedagógicas e para o trabalho com maior número de professores leigos, exigiram dos salesianos uma grande capacidade de adaptação e de novas medidas pedagógicas. Isso não foi fácil para o Pe. Mário, para os salesianos todos daquela comunidade e para as outras comunidades que trabalhavam nos colégios.

De Cuiabá foi transferido para a diretoria do Colégio Santa Teresa de Corumbá. Nessa época o Colégio Santa Teresa estava passando por uma profunda transformação: existia como escola particular com uns 430 alunos e passava a ser escola salesiana

conveniada com o governo do Estado a pedido do mesmo governo. Então todas as classes do prédio novo que o então Pe. Miguel Alagna tinha idealizado e que os salesianos estavam terminando, estavam lotadas de alunos como escola estadual. Nesse tempo a comunidade tinha acabado de pagar a dívida da compra da fazenda Band'Alta onde também terminara a construção de uma casa de retiros iniciada pelos salesianos tempos antes; além disso, ao terminar de construir o telhado do prédio novo e colocar todas as salas de aula em funcionamento, os salesianos construíram a moradia salesiana nos dois últimos andares e deixaram as habitações do antigo prédio da Ação Social à disposição da paróquia. O pároco daqueles anos era o Pe. Fortunato Fávero que construiu um belo apartamento para sua morada no último andar desse prédio e dele utilizava para os movimentos da animação paroquial. Na parte da manhã funcionava nas salas de aula, ao lado do teatro, a escola Santa Inês. O conjunto de alunos do Santa Teresa nos três turnos atingira a cifra de 4.975 alunos. Todos viviam um tempo glorioso e tudo estava muito bem organizado. Os professores eram indicados pela direção salesiana e nomeados pelo estado. Havia também um aluguel para a direção da MSMT. A maior parte dos professores eram jovens provenientes dos grupos de jovens. A pastoral era animada em conjunto com as FMA e o grupo de jovem atuante levava para a escola uma animação salesiana muito agradável ao lado do espírito de família inigualável que reinava entre todos. Foi esse o ambiente encontrado pelo saudoso Pe. Mário. Ele se entusiasmou e dinamizou a pastoral das crianças e dos jovens. Levava mais de quinhentas crianças para a igreja do Santuário e fazia celebrações animadíssimas. Quando encerrava tais encontros voltava todo molhado de suor mas contente porque fizera os alunos vibrarem e cantaram em louvor a Deus e a Nossa Senhora. Foram anos de muita animação e de verdadeira escola salesiana pautada pelo sistema preventivo com iniciativas e atividades variadas, com muito esporte e muita alegria. O pátio do Santa Teresa no período da tarde era o lugar de encontro dos jovens para a prática

esportiva e para simplesmente se encontrarem.

Pe. Mário sentia-se à vontade perante tanta juventude e perante um espírito tão bom. Animava-se com as festas, entusiasmava-se com os desfiles com a grande fanfarra e com as comemorações no salão de teatro. Também sempre estava presente nos encontros e retiros de jovens ou professores na Band'Alta. Viveu tempos muito agradáveis e promoveu o verdadeiro estilo salesiano de educar. Permaneceu aí até 1976. Posteriormente houve algumas dificuldades mas soube superar tudo até o final de seu mandato.

Depois desse glorioso tempo de Santa Teresa, foi nomeado diretor do Seminário Cristo Rei de Cuiabá, de 1977 a 1979. Período em que cuidou de tudo o que pertencia ao seminário da arquidiocese de Cuiabá. Conviveu nesse tempo com seu grande amigo Pe. Sílvio Sartori, soube manter os seminaristas num ritmo bastante bom e tipicamente salesiano.

De 1980 a 1985 novamente é nomeado diretor do Santa Teresa em Corumbá; conseguiu reunir as forças e levar avante a escola já então bem organizada e estruturada, para não dizer muito melhor que os tempos iniciais. Deixou sempre a sua marca registrada de grande trabalhador, de uma presença atuante e animadora. O colégio viveu novamente tempos saudáveis e de muita atividade.

De 1986 a 1988, é nomeado ecônomo na casa do Pós-noviciado, Paulo VI, para em seguida passar para a casa de Barra do Garças como ecônomo e no ano de 1991 ser também o diretor da comunidade. Foi o seu último mandato de diretor, porque no ano seguinte foi transferido para a casa do Paulo VI como confessor e ecônomo por um ano e a partir de 1999, permanecendo nessa comunidade até o final de sua vida na qualidade de confessor e de vigário paroquial. Na comunidade do Paulo VI, Pe. Mário viveu talvez uma etapa gloriosa de sua vida, tão diversa das anteriores por não mais ser o diretor ou então o responsável direto da casa, mostrou-se mais livre e tratou de organizar as

suas atividades focalizando o atendimento pastoral como se fosse a primeira vez que assim agia como sacerdote. Tudo o que fizera como diretor de colégios, agora, de outra forma aplicava no atendimento e animação de suas capelas. O povo o entendeu e se unia aos seus apelos para transformar cada celebração numa vivência alegre e animado encontro com Deus. Enquanto teve saúde não se poupou no trabalho pastoral. Estava presente e animava com muito amor os seus paroquianos.

Na vida comunitária sempre esteve presente e de forma exemplar. Retornou às raízes: apossou-se das plantações e criações existentes nos lotes sem construção da casa para tornar, diariamente o seu encontro com a terra, com as plantas numa verdadeira fonte de vida e de alegria por poder sentir-se vivo, trabalhar como trabalhara na infância e juventude, na terra, vendo as plantas florescerem e mostrarem seus frutos. Foi um verdadeiro caminho de dedicação e de descanso esse consolo do trabalho diário na terra, no cultivo das suas árvores frutíferas.

Permanecia alegre e participava ativamente em todas as comemorações mediante um sermãozinho e a execução de uma canção antiga da tradição salesiana, italiana ou da igreja. Exemplar em sua idade avançada para os novos salesianos estudantes de filosofia. Bom confessor a todos atendia e aconselhava mostrando sempre o caminho da mortificação, do cumprimento do dever e do domínio de si como caminho de santificação segundo o espírito salesiano.

A imagem do Pe. Mário perdura nessa casa como um salesiano exemplar que faz transcórrer a sua vida no trabalho e na oração sem se lamuriar com os achaques e doenças.

4 AS VIRTUDES E VALORES SALESIANOS QUE TORNARAM A VIDA DO PE. MÁRIO MUITO SIGNIFICATIVA

Sem dúvida que a história da inspetoria durante a segunda parte do século passado foi construída pela atuação de vários salesianos empreendedores e determinados como religiosos se-

guidores de Dom Bosco e dedicados aos jovens. Entre eles destaca-se a figura forte e individualizada do Pe. Mário Pellattiero pela forma incontestada de trabalhar e de se dedicar à vida pastoral.

Repassando a vida do Pe. Mário em suas ações, posturas e modalidade de dirigir as comunidades, pode-se afirmar que alguns valores salesianos serviram de base para sustentar suas jornadas de trabalho e para alimentar sua vida de fé com tanta certeza para transbordar em seu coração como disposição e incansável zelo pela salvação dos jovens.

Alguns traços marcantes da vida salesiana do Pe. Mário.

4.1 UM GRANDE PROPAGADOR DA DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA

Fervoroso filho de Dom Bosco não poderia ser diferente do Pai, foi um grande devoto de Nossa Senhora Auxiliadora nas orações diárias, na confiança da proteção da Mãe, e, principalmente na propagação da devoção a Ela. Não foi um devoto que se restringiu à oração e às falas, agiu. Com zelo de filho ardoroso concluiu a torre do Santuário de Maria Auxiliadora em Cuiabá. Enfeitou a entrada desse santuário com um vistoso jardim como um poema de amor à Maria Auxiliadora.

Em todos os lugares por onde passou solenizava a festa de 24 de maio com estrondosas passeatas ou desfiles, ou ainda com uma movimentação grande dos alunos nas celebrações. Gostava de animar as crianças para cantar forte na voz e nos sentimentos as loas a Maria. Foi um incentivador das expressões de carinho para com Nossa Senhora que sempre aconteciam durante o mês de maio em nossos colégios: coroações solenes, récita do santo Terço, florzinhas empenhativas, ofertas de flores para o altar de Maria, construção de altarzinhos nos dormitórios dos internos, procissões animadas e encerramentos que ensejassem uma apoteose. Nesses momentos ele se deliciava em aclamar a Maria com vivas e títulos carinhosos, soltava a voz, gritava e fazia os alunos ou o povo aclamar e soltar a voz cantando loas em honra de Maria. Maneiras simples de externar seu amor e carinho

para a Mãe comum. Por outro lado, essa devoção indicava o grau de assimilação e identificação de sua vida sacerdotal com o espírito salesiano, imitava a Dom Bosco e sonhava com o bem de todos, dos fiéis e principalmente dos jovens.

Uma outra maneira de externar sua devoção a Nossa Senhora foi, principalmente no final da vida a récita contínua do terço durante as horas mais serenas do dia. Impossível não perceber o grau de fé e de amor filial desse filho de Dom Bosco para com a Mãe Maria Auxiliadora. Construía a feliz continuidade sonhada de uma grande família que se reuniria no paraíso sob o manto materno da mãe; a casa celeste se fazia presente e concreta, em seus sentimentos e percepção. Tudo ficava tão sereno e suscitava uma felicidade simples e profunda.

Ainda uma outra forma de ele manifestar sua devoção a Nossa Senhora, no final da vida, era o desejo de em todas as festividades ou comemorações comunitárias entre os salesianos apresentar um pequeno discurso e um canto a Nossa Senhora. Fazia o solo e pedia que todos o acompanhassem na hora do refrão. Sentia-se feliz, identificado com essas pequenas homenagens à Maria e com o bom exemplo que dava aos salesianos jovens. Intimamente era como se ele quisesse afirmar: "Temos uma casa esplendorosa onde nossa mãe comum está sempre presente. Temos um Pai que nos anima e vale a pena viver como ele ensinou, olhem para a minha alegria e não se deixem levar por outros caminhos. A vocação salesiana é maravilhosa, e sempre foi um presente que Deus ofereceu a cada um de nós! Fiquemos alegres, vibremos com a nossa vida santificada e abençoada por Dom Bosco e por Nossa Senhora Auxiliadora!"

4.2 SALESIANO EXEMPLAR E DEDICADO À INSPETORIA

Em sua longa vida de estudo e de trabalho na inspetoria sempre considerou esse território como sua pátria, como sua morada. Voltou algumas vezes, poucas, aliás, para visitar os seus irmãos e demais parentes na Itália e na França, mas sua pátria era aqui.

Sempre foi muito observante das normas constitucionais. Teve grandes somas de dinheiro em suas mãos e as empregou corretamente nas obras inspetoriais. Sua pobreza era exemplar. Ao mudar de casa levava uma simples malinha com seus objetos pessoais e muito pouca roupa. Admirável em seu desprendimento.

Mas seu maior exemplo de dedicação e de vivência do espírito salesiano foi quanto ao trabalho. Trabalhou sempre sem se queixar de nada. Em todas as comunidades por onde passou sua presença em todos os setores das diversas atividades e sua disponibilidade tornava-o presente o tempo todo entre os alunos e salesianos. Virtude salesiana exemplar de uma presença ativa e significativa, animadora e entusiasmadora da vida saudável e santa.

Sempre gostou de trabalhar muito, não houve tempo ruim para ele. Tanto que em seu tempo de ancião não dispensou o trabalho no cultivo das plantas frutíferas do quintal do Paulo VI.

Gostava do trabalho, por mais pesado ou agradável. Essa disposição estava presente também no atendimento pastoral. Quantas missas e quantas horas de atendimento das confissões de alunos ou dos fiéis! Aí se mostrava feliz e satisfeito por poder atender e abençoar, por guiar e mostrar o caminho de santificação para todos! Um salesiano verdadeiramente apostólico por seu empenho e zelo pelo trabalho pastoral.

4.3 CONFESSOR E ANIMADOR DE UMA COMUNIDADE DE FIÉIS EM CAMPO GRANDE

Principalmente quando veio para a casa do Paulo VI e em Barro do Garças, seu trabalho pastoral se tornou expressivo como animador de comunidade dos fiéis. Notava-se a mesma dedicação dos tempos de diretor de colégio, agora no atendimento dos fiéis paroquianos. Aqui em Campo Grande mostrou uma estima singular pela comunidade de sua capela da Cooptrabalho;

identificou-se com o povo e a eles se dedicou com zelo e carinho. Sentia-se feliz entre os seus paroquianos, despertou o zelo pela participação nas celebrações e nas festas. Animou a catequese, entusiasmou os movimentos e conseguiu unir a todos nas celebrações litúrgicas. Um verdadeiro pastor salesiano, próximo e cheio de vida porque se sentia em casa e protegido por Nossa Senhora.

Não havia limite de tempo para atender a todos individualmente. Confessor estimado, granjeou a confiança dos paroquianos e estava disponível para pacientemente a todos atender e animar. Somente um coração zeloso e ardoroso poderia ser a fonte de tanto carinho e amor pastoral para com o povo.

4.4 A VIDA DO PE. MÁRIO NA INSPETORIA

A história da inspetoria passa sempre pelo seu conjunto de ações que possibilitam as concretizações de ideais ou de metas comuns capazes de testemunhar a força do sistema preventivo e da espiritualidade salesiana. Nesse sentido a confiança manifesta por todos os inspetores na pessoa do Pe. Mário fazendo-o diretor de casas, comunidades colégios importantes no horizonte da inspetoria, é o primeiro traço de sua vida salesiana consistente a ponto de merecer esse apreço. Dos seus 73 anos de Brasil, 11 perfizeram os períodos da formação. Depois de trabalhar dois anos nos colégios como catequista, foi logo feito diretor e assim foi sendo nomeado diretor dos diversos colégios da inspetoria (e do seminário diocesano de Cuiabá) por mais de 34 ou 35 anos. Se se pode traduzir em termos de salesianidade, o Pe. Mário sempre foi tido como um salesiano muito importante e muito responsável pela vida e pelas atividades na inspetoria. E essa é a grande realidade que se pode constatar e registrar após a sua morte.

Nem sempre a sua maneira de trabalhar e exigir dos irmãos foram unânimes e aceitas pelos demais irmãos, houve épocas em que foi contestado por ser muito tradicional e muito exigente. Perante as profundas mudanças sociais e perante as no-

vas maneiras de se posicionar perante a juventude, a sua capacidade de dar passos e se atualizar não progrediu como era o esperado. Porém, é bom realçar e registrar, aos pouco soube acompanhar as mudanças sociais e as mudanças pedagógicas necessárias aos novos tempos. Esse fato não diminuiu em nada a sua capacidade de ser um salesiano exemplar e animado com a educação salesiana. Mesmo nas divergências nunca a sua confiabilidade de bom salesiano diminuiu.

Houve um tempo em que deve ter sido convidado pelo núncio apostólico a assumir alguma diocese como bispo. Ficou alarmado e foi se aconselhar com os superiores e jamais quis saber dessa possibilidade. Mas foi diretor do seminário diocesano de Cuiabá.

Na inspetoria sempre foi visto como um dos salesianos em que se podia confiar em sua lealdade para com a congregação e em sua vida exemplar como religioso; Se teve algum deslize administrativo foi para favorecer a congregação ou a pessoas simples.

Sempre foi um grande amigo de seu colega de noviciado, também um salesiano exemplar em todas as suas atividades pelas diversas casas salesianas em que trabalhou e hoje vive trabalhando como a saúde lhe permite, Pe. Sílvio Sartori. Desde muito cedo o ideal salesiano e a origem comum, o norte da Itália, os mesmos gostos e o mesmo zelo os uniu antes de tudo no trabalho pela inspetoria e na admiração recíproca.

Pe. Mário contribuiu muito para que a inspetoria crescesse e tivesse um patrimônio considerável como todos podem ver. O mais importante, porém, foi o seu sentido de pertença e de estima pela Inspetoria Missionária de Santo Afonso Maria de Ligório. Amou essa terra onde cresceu como pessoa e como salesiano. Mereceu a estima de tantos e tantos ex-alunos e principalmente gozou da confiança de todos na inspetoria. Foi muito significativo por sua vida religiosa exemplar. Deus seja louvado por esse glorioso salesiano que soube concretizar em sua vida

peçoal e em suas atividades o ideal de Dom Bosco. Maria Auxiliadora nos proteja e nos auxilie a viver salesianamente o nosso ideal de santificação.

Campo Grande, 18 de maio de 2007
Pe. Afonso de Castro – Inspetor BCG

RELATOS TESTEMUNHAIS DE ALGUMAS PESSOAS QUE CONHECERAM E CONVIVERAM COM O PE. MÁRIO PELLATTIERO

I PE. ADEMIR LIMA DE OLIVEIRA

“Quando cheguei ao pós-noviciado como néo-professo em 1998, Padre Marinho era nosso ecônomo. Um salesiano completo: simples, apostólico, carinhoso e, acima de tudo, um grande educador. Foi meu professor de salesianidade, nas aulas pude conhecê-lo melhor, falava com entusiasmo de Dom Bosco e recordava com alegria sua chegada ao Brasil, sua convivência com Dom Aquino Corrêa, – “e sorria ao recordar que chegou a cortar os cabelos de Dom Aquino no seminário Cristo Rei”. Foi nesse contexto que aprofundei minha amizade e estima para com ele. Um confessor e tanto, sabia olhar nos olhos com piedade e misericórdia.

Para mim foi um exemplo de obediência, mesmo sendo de idade avançada aceitou ser ecônomo. Cuidava com carinho da casa; um dos momentos que me marcou foi quando chegamos ao refeitório para o jantar e tinha um bilhete na bandeja de salgados “pegar com parcimônia”, foi um risada geral, ele levou na brincadeira.

Retornei ao pós-noviciado como sacerdote, o reencontrei com o mesmo entusiasmo, apesar das limitações, mantinha sua disciplina e trabalho no pomar. Ainda na teologia traduzi juntamente com Pe. Júlio Bersano o diário de viagem da Itália ao Brasil, escrito por ele e seus conterrâneos. Uma experiência

fantástica, cheia de esperança e fé na nova missão que o grupo assumiria, – e que Pe. Marinho viveu até seus últimos dias.

Foi no caminho para ministrar o sacramento da reconciliação que ocorreu o acidente, ao som do sino que anunciava as vésperas que socorremos nosso estimado amigo e irmão. No dia anterior, ao chegar da universidade, ele se encontrava no meu escritório, levei um susto, perguntei se estava se sentindo bem, ele me respondeu que sim, e queria me pedir um favor: “Está se aproximando o dia de Nossa Senhora Auxiliadora, eu costumo cantar um versinho em latim, mas a idade já não permite e a voz falha, poderia eu ensaiar com os pós-noviços e cantarmos juntos?”. Não houve tempo, Deus tinha outros planos... No dia 24 de maio toda comunidade no final da celebração cantou o Salve Regina.

Que na glória dos céus sejam entoados os sinos da alegria salesiana!”

Pe. Ademir Lima de Oliveira

II MEMORIAL AO PE. MÁRIO PELLATTIERO

“Conheci Pe. Mário Pellattiero em 1985. Em 1988, ele com Pe. Felipe construíram o Centro Catequético da Comunidade Sagrado Coração de Jesus, desde então ficou sempre na Comunidade como Vigário. Ele assumiu a nossa Comunidade, com muito amor e carinho que tinha para com todos. Assumimos o apostolado com os enfermos e visitas às famílias e também às exéquias. Sempre disposto e alegre, passava para nós paz, alegria e vontade de trabalhar cada vez mais pelos irmãos, ensinando-nos a amar Jesus, a servi-lo com amor; foi esse exemplo que passou para todos nós, e sempre dizia uma frase: “não tenham medo de Jesus, aproximem-se dele, Ele é Amor”. Também fazia gesto com três dedos dizendo: “Três Fs: forte, firme e fiel”. Era muito paciente e amoroso com os doentes, os tristes e sofredores, principalmente com os jovens e crianças, tinha sempre

uma palavra de conselho e conforto. Para nós ele foi um verdadeiro pai, nunca se queixou de nada, deu tudo de si por esta Comunidade. Por isso somos gratos a ele. Nós amamos o Pe. Mário, que ultimamente com gesto de carinho passamos a chamá-lo de Pe. Marinho. Seu maior sonho era a Construção da Igreja que ele mesmo denominou Santuário Sagrado Coração de Jesus. Pe. Mário Panziera, com a colaboração da Comunidade construiu a Igreja e Pe. Marinho com muito amor fez os retoques finais como: reboco, vidros das janelas, pinturas, desenhos, ornamentos, os quadros etc. O altar de mármore, afinal todo acabamento. Sempre senti que esta Comunidade era a vida dele. Quanto ao nosso apostolado Pe. Marinho visitou durante todos esses anos, todas as sextas-feiras e às vezes até 2 ou 3 vezes por semana na parte da manhã e às vezes à tarde. Conforme as ocasiões, como disse, fazíamos visitas às famílias e as exéquias. Visitamos 145 casas de enfermos às vezes até desenganados dos médicos, que após a visita do Pe. Marinho muitos ficaram bons e ainda viveram vários anos. O que mais me alegra é que todos estes doentes que visitamos nenhum faleceu sem os sacramentos do batismo, da unção e da comunhão, até o sacramento de matrimônio foram realizados porque vários tinham que casar para poder receber os outros sacramentos, principalmente a comunhão e a unção dos enfermos. Dos 145 atendidos, 104 já faleceram e a todos foi feita a celebração das exéquias. Ele partiu, mas deixou seu exemplo de pai, irmão, amigo de todas as horas, sentimos muito a sua falta, jamais o esqueceremos, ele está em nossos corações, em nossas orações. Outra observação que tenho que fazer: o amor e carinho de Pe. Marinho por Nossa Senhora Auxiliadora. Ele era muito zeloso pelas coisas de Deus, e isso passou para nós. Obrigada Pe. Marinho, louvamos e glorificamos ao Senhor por nos ter dado esta graça de tê-lo tanto tempo conosco. Que Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo o tenha na sua Glória, Amém! Eu Ivani sua pequena serva, que com amor e dedicação continuo o apostolado até o dia que o

senhor o permitir e seja feita a vossa Santa Vontade. Campo Grande, 19 de maio de 2007.”

III CLÁUDIO EDMAR

“Conheci o Padre Marinho em 1996, quando eu era aspirante na Lagoa da Cruz e ia atender-nos em confissão nos retiros mensais. Já me impressionava o seu olhar cansado e profundo, terço e bengala nas mãos. Naquele gesto, eu ainda adolescente, percebia uma piedade sincera e respeito caridoso.”

A nossa convivência tornou-se mais intensa no período do meu pré e pós-noviciado no Paulo VI. Era ele, como aprendemos na carta de Roma, “a alma do nosso recreio”. A nossa alegria, como jovens salesianos, consistia em poder entreter-nos com ele no refeitório, especialmente nos dias de festa. Quem de nós vai esquecer-se dos cantos em italiano que nos ensinava: “Scende la sera sul seminário”, uma carinhosa homenagem à visita de Don Vecchi a inspetoria, ou ainda, “Santa Lucia”, “Quel mazzolin di fiori”, entre tantas cantigas que faziam o nosso refeitório explodir de emoção. Cumpria-se o desejo de Dom Bosco: “a familiaridade gera afeto e o afeto produz confiança”. Encantava a todos aquele espetáculo.

Foi muito importante para a purificação das nossas motivações vocacionais, termos durante o pós-noviciado, um exemplo tão autêntico do jeito salesiano de ser. A sua presença, o seu caráter compreensivo em relação às forças impetuosas dos jovens salesianos, fizeram com que ganhasse a estima e o amor filial de todos.

Repetia sempre em suas boas-noites que tomássemos cuidado com as “oncinhas”, pseudônimo carinho dirigido às “Bersabéias” do mundo contemporâneo. Mas essa recomendação era feita com tamanha ternura de pastor cuja fonte era a Sagrada Escritura: “não perdi nenhum daqueles que me deste”.

Padre Mário Pellatiero, além de tudo o que dissemos, herdou o gosto pela terra; amava a natureza e plantações. To-

dos os dias o víamos com o seu famoso chapéu de palha indo regar a terra com o seu suor sagrado. Não poucas vezes, porém, procurava quem era, ou quais eram os anônimos pós-noviços que "subtraíam" os cocos dos pés que coqueiro generosamente abençoados pelo Divino Criador. Enquanto escutávamos sua voz e seus passos pelo pórtico a procura dos discretos infratores, nós como os primeiros Cristãos, trancados nas "catacumbas modernas", rezamos em voz baixa agradecendo: "Bendito sejas, Senhor Deus do Universo, por este presente que recebemos de vossa bondade, fruto da terra e dos cuidados do Padre Marinho, que agora dividimos e que se vai tornar remédio para a nossa vida".

É digno de nota a disponibilidade do Padre Marinho no atendimento às comunidades. Sorria largamente quando dizíamos que era o pároco da grande Catedral da Coopatrabalho.

Padre Mário foi para nós modelo de sacerdote de Cristo. Fato notável era seu amor pela Auxiliadora, nossa Mãe. Poucos sabem que um dia à noite, após atender as comunidades, ele pediu que o motorista parasse diante da construção de uma igreja dos irmãos separados; Jogou naquele terreno várias medalhinhas de Nossa Senhora, inaugurando assim, um novo método oriundo da tradição salesiana. Depois de certo tempo, quando a igreja estava pronta, fomos levá-lo a uma comunidade e, quando passamos em frente desta obra, ele disse "soto voce": "esta igreja nunca vai encher".

Raríssimas vezes o vimos alterado, a não ser pelo motivo acima mencionado. Homem de grande domínio de si e de belíssimas virtudes. Lembraremos sempre dele com estima, admiração e saudades. Demonstrou-nos um profundo espírito de piedade profunda e sincera. Com sua paciência, dedicação, bondade e compreensão, se entregou com esmero à missão de sacerdote-educador e salesiano de Dom Bosco.

Que nos atenda como Elias atendeu a Eliseu ao lhe pedirmos a dupla porção do seu espírito salesiano para que possamos

seguir o seu exemplo e consumirmos nossas jovens energias para o bem da juventude .

Que ele, do 'jardim salesiano', interceda a Deus por nós, para que concretizemos as palavras de Dom Cagliero nos primórdios da Congregação: "ficaremos para sempre com Dom Bosco!". No afeto salesiano,

Cláudio Edmar, sdb - Estudante de Teologia.
São Paulo, 16 de maio de 2007."

IV UM AMIGO ETERNO:

Memórias do Pe. Danilo Rinaldi:

"Conheci o Pe. Mario Pelattiero em março de 1965 quando comecei o tirocínio em Araçatuba. Eu era recém chegado da Itália após ter encerrado o curso de Filosofia. Foi meu diretor por dois anos, de 1965-66, sempre atencioso para com todos os aspirantes e salesianos e muito preocupado com a reforma e ampliação do Colégio Don Luís Lasagna, na tentativa de aumentar o número de alunos e, com certeza, atingir mais eficácia na formação dos jovens estudantes, tornando-os bons cristãos e honestos cidadãos.

Foi em Araçatuba que começou nossa grande e sincera amizade que durou a vida toda. A estima era recíproca. É claro que eu o considerava um grande mestre de solenidades, um gigante para mim, impossível de imitar. Mas como os grandes precisam dos pequenos eis que o Pe. Mário conhecendo o meu jeito de trabalhar e de conduzir as atividades, me convidou para passar todas as férias de teólogo (1968-71) no São Gonçalo. Aqui o encontrei de novo como diretor neste mesmo período. Quando ordenado eu fiquei um tempo sem tê-lo na mesma casa, mas trabalhei no São Gonçalo, colégio que ele amou, penso eu, mais que todos.

Encontrei novamente Pe. Mário em Corumbá nos anos 1985-86. Eu era conselheiro escolar naquela época. Mas tudo

isto porque tinha o Pe. Mário como meu grande conselheiro, embora alguns momentos tivéssemos alguns conflitos do colégio quanto à prática do sistema preventivo de São João Bosco. Enfim, em 1988, pedi para o padre inspetor que deixasse vir o meu grande amigo Pe. Mário a me fazer companhia na longínqua Barra do Garças. E lá veio ele, já um pouco idoso, mas cheio de energias e sempre pronto a exigir de mim, pois eu era seu aluno preferido, ao qual podia falar e ser atendido. Também aqui não faltaram atritos por causa de atividades que o mestre achava poder dirigir, pois estava ele acostumado ao comando, mas o que prevalecia era o entendimento entre o mestre e o aluno obediente, embora nem sempre. Ele gostava que acolhesse suas experiências educativas colhida em tantos lugares e anos que ficou como diretor. A amizade e a estima eram tão grandes que para mim foi o único salesiano a quem eu telefonava sempre em 02 de abril para dar-lhe os parabéns pelo seu aniversário. Só este ano não foi possível, pois ele chorava em seu lembrado dia. Foram uns dos poucos salesianos que se dirigiram até minha casa natal para visitar meus parentes, também por isso agradeço. Agora peço a ele lá no céu que me ajude no trabalho com os meninos mais pobres. E dou graças a Deus pela oportunidade e presente de tê-lo em minha vida. Obrigado!”

Pe. Danilo Rinaldi – Rondonópolis-MT – Brasil

Dados para o necrológio

Pe. Mário Pellattiero – sdb

☆ Vicenza/VI – Itália: 02.04.1914

✠ Campo Grande/MS – Brasil: 09.07.2006

Aos 92 anos de idade

58 anos de sacerdócio

67 anos de profissão religiosa.